

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO



MOSTEIRO de
SÃO BENTO da VITÓRIA
19+20 OUT 2024

Variações Goldberg

de J.S. Bach

piano

Pedro
Burmester

Johann Sebastian Bach
(1685-1750)
Variações Goldberg, BWV 988 (1741)

Aria
Variatio 1 a 1 Clav.
Variatio 2 a 1 Clav.
Variatio 3 Canone all’Unisono a 1 Clav.
Variatio 4 a 1 Clav.
Variatio 5 a 1 ovvero 2 Clav.
Variatio 6 Canone alla Seconda a 1 Clav.
Variatio 7 a 1 ovvero 2 Clav. Al tempo di Giga
Variatio 8 a 2 Clav.
Variatio 9 Canone alla Terza a 1 Clav.
Variatio 10 Fughetta a 1 Clav.
Variatio 11 a 2 Clav.
Variatio 12 Canone alla Quarta a 1 Clav.
Variatio 13 a 2 Clav.
Variatio 14 a 2 Clav.
Variatio 15 Canone alla Quinta a 1 Clav. Andante
Variatio 16 Ouverture a 1 Clav.
Variatio 17 a 2 Clav.
Variatio 18 Canone alla Sesta a 1 Clav.
Variatio 19 a 1 Clav.
Variatio 20 a 2 Clav.
Variatio 21 Canone alla Settima a 1 Clav.
Variatio 22 a 1 Clav. Alla breve
Variatio 23 a 2 Clav.
Variatio 24 Canone all’Ottava a 1 Clav.
Variatio 25 a 2 Clav. Adagio
Variatio 26 a 2 Clav.
Variatio 27 Canone alla Nona a 2 Clav.
Variatio 28 a 2 Clav.
Variatio 29 a 1 ovvero 2 Clav.
Variatio 30 Quodlibet a 1 Clav.
Aria da Capo

sáb—19:00
dom—12:00

produção
Artway

dur. aprox. 1:20
M/6 anos

Variações Bach

Seis horas da tarde. Ouço as *Variações Goldberg*, o céu azul-pálido, um pássaro passa veloz, *regressa*, sem dúvida. Bach. Tanto virtuosismo e profundidade – praticamente só Shakespeare reuniu com tanta força essas duas realidades irreconciliáveis.

Faz quase três anos que perdi o contacto com a música. Estava morto, Bach ressuscitou-me.

Sempre que ouço Bach, digo a mim mesmo que é impossível que tudo seja aparência. Tem de haver outra coisa. E depois, a dúvida toma conta de mim de novo.

Se Bach pode tomar para mim o lugar do resto da música, não consigo ver o escritor que possa substituir sozinho todos os outros – nem mesmo Shakespeare. Cansamo-nos das palavras, sejam elas de Macbeth ou de Lear; não nos cansamos de sons quando compõem certos motetos, certas cantatas.

A coisa mais difícil que há é renovar as nossas admirações. Só admiramos de verdade até aos vinte anos. Depois, é só entusiasmos ou caprichos. Mudei de opinião sobre toda a gente, exceto sobre Shakespeare, Bach e Dostoiévski. Desses três, a minha preferência vai para Bach. Dele podemos dizer: este nunca *desilude*.

Só tenho uma religião: Bach.

Ouvir Bach nos grandes armazéns enquanto compramos cuecas!

Uma jovem cantora alemã pergunta-me qual é o verdadeiro significado da minha paixão por Bach. Respondo-lhe que Bach é para mim uma *anti-dúvida*. (É quase um trocadilho, e eu odeio trocadilhos.)

Anna Magdalena Bach sobreviveu dez anos ao marido e morreu na maior miséria. Na época, a indústria fonográfica não apoiava as viúvas...

Bach era forreta, dado às querelas, conflituoso, ávido por títulos, etc. Pois bem – e o que é que isso interessa? Schweitzer, citando as cantatas em que o cantor tomou a morte como tema, afirma que mais ninguém sentiu tanta saudade como Bach. Só isso importa. Tudo o resto é... música.

Com Bach, a vida seria suportável mesmo num esgoto.

Certos momentos em Bach fazem-me pensar que ele tinha chegado a esse extremo onde *tudo* lhe parecia apenas um jogo que Deus oferece a si mesmo. Essa impressão de *irrealidade divina* que emana da *Arte da Fuga*, das *Variações*.

O maior encontro da minha vida: Bach. Depois Dostoiévski; depois, os cétricos gregos, depois Buda... depois, mas não importa o que vem depois...

Há pouco, ao ouvir Bach, em vez da minha memória se purificar, desatou a descobrir velhos rancores que julgava enterrados, esquecidos, recordações humilhantes até mais não, reações vis e odiosas, e tudo o que no meu passado

pode incitar-me ao completo desprezo por mim mesmo. Observei muitas vezes esse efeito nefasto da música em mim. Ela tem o dom de agitar as nossas profundezas, portanto também a nossa escória. Nem tudo é metafísico na música. Longe disso!

Fazer uma obra *digna* de Deus. (Ao ouvir uma cantata de Bach).

A Arte da Fuga. Quando ouço Bach, *acredito*.

As *Variações Goldberg*. Todos estes dias repensei na frase de Enescu sobre Bach: “A alma da minha alma.”

Cravo bem temperado (Depois de o ouvir, lembrei-me de um conflito, já velho, que tive com o fisco, e fiquei furioso. À experiência do sublime segue-se sempre a do mesquinho. Depois de Bach – o sórdido e o horrível. Acontece, mas não deixa de ser menos penoso.)

Esta noite, nas ruas quase vazias, deixei Bach invadir-me – sempre as *Variações Goldberg*. A maior, a mais pura embriaguez que me foi dado experimentar.

Já há algum tempo, a France Musique passa diariamente a obra integral para cravo de Bach. O apresentador, que não parece muito conhecedor, repete antes de cada emissão: “Sublime, sublime.” É estúpido. No entanto, tem razão.

O ser a quem, depois de Deus, mais devo? Bach, sem dúvida. Sem ele, teria sido mais pobre, mais seco, mais desamparado. Ele valorizou-me, elevou-me acima de mim mesmo, nos momentos, claro, em que estava em contacto com ele, porque depois... demasiadas vezes foi uma lamentável derrocada.

E.M. CIORAN
Cadernos 1957-1972

Trad. **Cristina Fernandes**.

Pedro Burmester

Nasceu no Porto, em 1963. Deu o primeiro recital aos 10 anos, tendo atuado, desde então, como solista, em música de câmara e com orquestra, em diversas salas de referência, como o Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, a Sala Suggia da Casa da Música, os Coliseus do Porto e Lisboa, a Sydney Opera House, o Beijing Concert Hall, o Auditório Nacional de Madrid, o Kennedy Center, o Concertgebouw, o Teatro Ghione, entre muitas outras. Foi aluno de Helena Sá e Costa durante 10 anos. Aperfeiçoou os seus estudos nos Estados Unidos com Sequeira Costa, Leon Fleisher e Dmitri Paperno. Participou em cursos e *masterclasses* de Jörg Demus, Aldo Ciccolini, Karl Engel, Moura Castro, Eric Heidsieck, Lev Vlasenco, Vladimir Ashkenazy, Peter Lang, Tatiana Nikolaïeva e Elisabeth Leonskaia. Foi também bolseiro do Ministério da Cultura da Áustria e frequentou a Academia de Verão de Salzburgo, durante 10 anos consecutivos. Em 1983, venceu o 2.º prémio Vianna da Motta e, em 1989, recebeu o prémio especial do júri do concurso Van Cliburn, nos Estados Unidos. Foi solista com praticamente todas as orquestras portuguesas e diversas orquestras internacionais, como a Australian Chamber Orchestra, Manchester Camerata, Orchestre Philharmonique Royal de Liège, London Symphony Orchestra, Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Zagreb Philharmonic Orchestra, entre outras. Partilhou o palco com 65 maestros nacionais e internacionais, entre os quais Frans Brüggen, Jan Latham-Koenig, Lothar Zagrosek, Michael Zilm, Paavo Järvi, Sir Georg Solti, Joana Carneiro, Isaac Karabtschewsky, Leopold Hager, Peter Rundel e Baldur Brönnimann. Em formação de música de câmara, atua regularmente com o pianista Mário Laginha; colaborou com outros músicos, como Anner Bylsma, António Saiote, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Jed Barahal, Thomas Zehetmair, Augustin Dumay, David Geringas e Mischa Maisky. Gravou o primeiro disco em 1987, com obras de Schumann e Schubert (Edição EMI), e desde então editou vários discos a solo, com orquestra e música de câmara, num total de 18 gravações. É ainda docente da licenciatura e mestrado de Piano e Música de Câmara, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto, além de responsável por diversas *masterclasses* de formação a jovens pianistas.

produção executiva
Alexandra Novo

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Nuno Guedes
Paulo Ferreira
Telma Moreira

APOIOS À DIVULGAÇÃO


COMBOIOS DE PORTUGAL

 

 



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Edição
Teatro Nacional
São João

coordenação
Rui Manuel Amaral

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
Adriana Romero

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o concerto.
O uso de telemóveis
e outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para os intérpretes
como para os espectadores.